

ALINE HELG:
uma vida dedicada à história da emancipação e da resistência dos
afrodescendentes na América

ALINE HELG:
a life dedicated to the history of emancipation and resistance of people of African
descent in America

ALINE HELG:
una vida dedicada a la historia de la emancipación y la resistencia de las personas de
ascendencia africana en América

Rebecca Lemos Igreja
Doutora em Antropologia
Universidade de Brasília
rebecca.igreja@gmail.com
Brasil

Gianmarco Loures Ferreira
Doutorando em Direito
Universidade de Brasília
gianloures@gmail.com
Brasil

Texto recebido aos 07/04/2020 e aprovado aos 16/04/2020

Resumo

Texto de homenagem a Aline Helg, historiadora e professora da Universidade de Genebra.
Palavras-chave: Aline Helg, homenagem, emancipação, resistência, afrodescendentes, América.

Resumen

Texto homenaje a Aline Helg, historiadora y profesora de la Universidad de Ginebra.
Palabras clave: Aline Helg, homenaje, emancipación, resistencia, afrodescendientes, América.

Abstract

Tribute text to Aline Helg, historian and professor at the University of Geneva.
Keywords: Aline Helg, homage, emancipation, resistance, Afro-descendants, America.



*“No se puede entender la historia de las
américas sin entender el papel de los esclavos
en su desarrollo”*

Aline Helg

Nesse número da Revista Abya-Yala fazemos nossa homenagem à profa. Aline Helg. Aline é historiadora e professora da Universidade de Genebra, Suíça, país onde nasceu. Ela dedicou sua vida acadêmica ao estudo sobre e na América Latina, com foco especial nas mobilidades do mundo atlântico, na diáspora africana, no estudo sobre o sistema escravagista, nos processos de independências nacionais e formação das elites, no racismo e nos processos de resistência e de luta pela dignidade dos negros latino-americanos. Dois países concentram os estudos de Aline, Cuba e Colômbia, no entanto, ela estende o seu estudo para uma comparação importante sobre a escravidão e os processos de resistência em todo o continente.

Apesar de europeia, sua experiência na América inicia-se ainda em sua infância, quando muda com seus pais para o continente com a idade de seis anos. Seu doutorado foi realizado na Universidade de Genebra, em 1983. Posteriormente, lecionou no Departamento de Ciência

Política da Universidade dos Andes, em Bogotá, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e no Instituto Universitário de Estudos de Desenvolvimento da Universidade de Genebra e no Departamento de História da Universidade do Texas em Austin, de 1989 a 2003.

Em suas entrevistas¹, Aline afirma que seu interesse pela América Latina surge, de maneira especial, com a chegada dos exilados latino-americanos, escapando dos regimes ditatoriais no continente, na Europa. Diante das dificuldades de conseguir uma vaga como professora universitária na Suíça, especialmente trabalhando temas latino-americanos, Aline retorna aos Estados Unidos onde viverá 18 anos, ainda trabalhando sobre Cuba e Colômbia. Ela se interessou de maneira especial às conexões e movimentos na América Latina e a questão racial e do racismo, inclusive para aprender dessa experiência para analisar o contexto europeu.

¹ Conferir:
https://www.youtube.com/watch?v=NXP9_U_kgN4

Algo que destaca no trabalho da professora Aline é sua sofisticação metodológica. O trabalho de pesquisa, especialmente com arquivos e documentos, é extremamente detalhado e ao mesmo tempo amplo. Um trabalho metodológico minucioso que pretende ao mesmo tempo ser comparativo e de grande envergadura, apoiado no cruzamento de informações e arquivos de vários países. Uma pesquisa séria e comprometida que pretende buscar nas histórias dos esquecidos, dos “pequenos povos” os verdadeiros heróis da história mundial. São aqueles que nos permitem comer, mover, falar, existir, aqueles que participam das guerras e que quase nunca são retratados. Pressupõe uma concepção da história que leva a compreensão que nós fazemos parte de um mundo só e que todas as nossas ações têm efeito sobre um todo; um tecido em que todos nós estamos envolvidos, que nos vincula e que nos opõe, mas no qual todos somos importantes.

Qual seria o papel do historiador na sociedade contemporânea? Em uma entrevista recente², Aline explica que estamos vivendo um período importante, onde a história, como disciplina, passa por uma revisão completa. Durante muito tempo era uma história nacional, com uma visão única, a voz da nação, mas há várias

décadas que essa concepção vem mudando. A história hoje tem a tarefa de representar a sociedade em sua diversidade, de dar voz aos seus distintos setores, aos que antes eram marginalizados e que agora estão tendo os seus direitos reconhecidos. Isso significa uma revisão muito forte e profunda de toda a história que tínhamos, da que conhecíamos quando criança. Uma história que agora demonstra maior complexidade dos fenômenos sociais e permite uma multiplicidade de vozes em disputa pela narrativa. Nesse contexto, ao historiador cabe buscar as fontes, registros e desvendar os fatos históricos.

Sua bibliografia retrata essa perspectiva e sua larga trajetória, com vários livros premiados. Sua primeira obra é *Civiliser le peuple et former les élites. L'éducation en Colombie, 1918-1957*, publicada em Paris, em 1984, e em espanhol, em 1987, com o título *La educación en Colombia. Una historia social, económica y política*. Seu segundo livro, *Our Rightful Share. The Afro-Cuban Struggle for Equality, 1886-1912*, em 1995, também traduzido ao espanhol, como *Lo que nos corresponde: La lucha de los negros y mulatos por la igualdad en Cuba*, em 2000, foi ganhador do prêmio Wesley-Logan, da *American Historical Association*

² Conferir:
<http://estudiosmundiais.org.br/index.php/pt/acervo/videos.html>

(1995), por ser “um extraordinário livro com aspectos da história da dispersão, assentamento e adaptação ou retorno das pessoas originárias da África”; o prêmio Elsa Goveia, pela *Association of Caribbean Historians* (1997), em que destaca “o melhor livro da história caribenha publicado nos últimos anos”; e prêmio K. Lewis, pela *Caribbean Studies Association* (1998), como “um excepcional livro que aborda os problemas e questões pan-caribenhas”. Igualmente premiado é seu livro *Liberty and Equality in Caribbean Colombia, 1770-1835*, de 2004, traduzido para o espanhol como *Libertad e igualdad em el Caribe colombiano*, em 2011, recebeu o prêmio John E. Fagg, pela *American Historical Association* (2005), como “a melhor publicação sobre a história da Espanha, Portugal e América Latina”. Por fim, sua última obra *Plus jamais esclaves! De l’insoumission à la revolte, le grand récit d’une émancipation (1492-1838)*, publicado em Paris, em 2016, recebeu traduções para o espanhol, *¡Nunca más esclavos! Una historia comparada de los esclavos que se liberaron en las Américas*, em 2018, e para o inglês, *Slave No More: Self-Liberation before Abolitionism in the Americas*, em 2019.

“Nunca mais escravos”, numa tradução livre para o português, destaca-se na bibliografia da autora por abranger um largo período temporal, cerca de quatro séculos, além de analisar a libertação dos escravizados por si mesmos. Essa análise diacrônica, ademais de focar numa perspectiva “desde baixo”, como sugere a autora, posicionando os escravizados como atores históricos, possibilita a criação de uma tipologia muito esclarecedora sobre as diferentes ações empreendidas por estas pessoas para alcançarem a liberdade³.

Assim, a tradução que se publica nesta revista rende uma homenagem à autora, trazendo ao público de língua portuguesa uma importante abordagem sobre a controversa postura de Simón Bolívar com relação à conformação racial nas sociedades recém-independentes e sua mescla de ideais republicanas e, paradoxalmente, comportamentos autoritários e hierárquicos como única forma de governo possível.

³ Foram adotadas as seguintes estratégias de libertação: a fuga; a compra da própria liberdade; o alistamento de homens escravizados no exército, à troca de libertação

(sua e de suas famílias); e, em alguns casos, a rebelião ou insurreições maiores.